



A Santa Sé

**MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO
AO PRESIDENTE EXECUTIVO
DO FÓRUM ECONÓMICO MUNDIAL DE DAVOS (SUÍÇA)**

[23-26 DE JANEIRO DE 2018]

Ao Professor Klaus Schwab

Presidente Executivo do Fórum Económico Mundial

Estou-lhe grato pelo convite a participar no *Fórum Económico Mundial* de 2018 e pelo seu desejo de incluir no encontro de Davos a perspetiva da Igreja Católica e da Santa Sé. Agradeço-lhe também os seus esforços para levar esta perspetiva à atenção de quantos estão reunidos neste Fórum anual, inclusive as ilustres autoridades políticas e governativas presentes e quantos estão engajados no campo dos negócios, da economia, do trabalho e da cultura, enquanto debatem sobre os desafios, as preocupações, as esperanças e as perspetivas do mundo atual e futuro.

O tema escolhido pelo Fórum deste ano — *Criar um futuro partilhado num mundo fraturado* — é muito oportuno. Acredito que ajudará a guiar as vossas deliberações enquanto procurais fundamentos melhores para construir sociedades inclusivas, justas e solidárias, capazes de restituir dignidade a quantos vivem com muitas incertezas e não conseguem sonhar um mundo melhor.

A nível de governação global, estamos cada vez mais cientes de que há uma crescente fragmentação entre Estados e Instituições. Estão a emergir novos atores, assim como uma nova competição económica e acordos comerciais regionais. Até as tecnologias mais recentes estão a transformar os modelos económicos e o próprio mundo globalizado que, condicionado por interesses particulares e pela ambição do lucro a todo o custo, parece favorecer a ulterior fragmentação e o individualismo em vez de facilitar abordagens que sejam mais inclusivas.

As frequentes instabilidades financeiras causaram novos problemas e graves desafios com os quais os governos devem confrontar-se, como o aumento do desemprego, de diversas formas de

pobreza e do fosso socioeconómico e das novas formas de escravidão, muitas vezes radicadas em situações de conflito, migração e diversos problemas sociais. «A isto vêm juntar-se alguns estilos de vida um pouco egoístas, caracterizados por uma opulência actualmente insustentável e muitas vezes indiferente ao mundo circundante, sobretudo dos mais pobres. No centro do debate político, constata-se lamentavelmente a preponderância das questões técnicas e económicas em detrimento de uma autêntica orientação antropológica. O ser humano corre o risco de ser reduzido a mera engrenagem dum mecanismo que o trata como se fosse um bem de consumo a ser utilizado, de modo que a vida — como vemos, infelizmente, com muita frequência — quando deixa de ser funcional para esse mecanismo, é descartada sem muitas delongas» (*Discurso ao Parlamento Europeu*, Estrasburgo, 25 de novembro de 2014).

Em tal contexto é essencial salvaguardar a dignidade da pessoa humana, especialmente oferecendo a cada um oportunidades verdadeiras de desenvolvimento humano integral e atuando políticas económicas que favoreçam a família. A «liberdade económica não prevaleça sobre a liberdade concreta do homem e sobre os seus direitos [...] o mercado não seja um absoluto, mas honre as exigências da justiça» (*Discurso aos empresários reunidos em Confindustria*, 27 de fevereiro de 2016). Portanto, os modelos económicos devem respeitar uma ética de desenvolvimento integral e sustentável, baseada em valores que ponham no centro a pessoa humana e os seus direitos.

«Face a tantas barreiras de injustiça, de solidão, de desconfiança e de suspeita que ainda são levantadas nos nossos dias, o mundo do trabalho, do qual vós sois protagonistas de primeiro plano, está chamado a dar passos corajosos para que “encontrar-se e fazer juntos” não seja só um *slogan*, mas um programa para o presente e para o futuro» (*Ibid.*). Só através de uma resolução firme, partilhada por todos os atores económicos, podemos esperar traçar uma nova direção ao destino do nosso mundo. Assim, também a inteligência artificial, a robótica e outras inovações tecnológicas devem ser empregadas de modo que contribuam para o serviço da humanidade e para a proteção da nossa casa comum e não o exato contrário, como infelizmente algumas estimativas preveem.

Não podemos permanecer em silêncio diante do sofrimento de milhões de pessoas cuja dignidade está ferida, nem podemos continuar a ir em frente como se a difusão da pobreza e da injustiça não tivesse uma causa. Criar as justas condições a fim de consentir que cada pessoa viva de maneira digna é um imperativo moral, uma responsabilidade que inclui todos. Rejeitando uma cultura do “descarte” e uma mentalidade da indiferença, o mundo empresarial tem um potencial imenso para produzir uma mudança consistente aumentando a qualidade da produtividade, criando novos postos de trabalho, respeitando as leis do trabalho, combatendo a corrupção pública e privada e promovendo a justiça social, juntamente com a justa e equitativa partilha do lucro.

Há uma grande responsabilidade a exercer com sábio discernimento, dado que as decisões

tomadas serão fundamentais para modelar o mundo de amanhã e das gerações futuras. Portanto, se quisermos um futuro mais seguro, um futuro que encoraje a prosperidade de todos, é necessário manter a bússola sempre apontada para o “verdadeiro Norte”, representado pelos valores autênticos. Este é o momento de tomar medidas corajosas e audazes para o nosso amado planeta. Este é o momento justo para concretizar a nossa responsabilidade de contribuir para o desenvolvimento da humanidade.

Por conseguinte, espero que este encontro do *Fórum Económico Mundial* de 2018 permita um intercâmbio aberto, livre e respeitador e seja inspirado antes de tudo pelo desejo de promover o bem comum.

Ao renovar os meus melhores votos pelo bom êxito do encontro, invoco de bom grado sobre Vossa Excelência e sobre quantos participam no Fórum as bênçãos divinas da sabedoria e da força.

Vaticano, 12 de janeiro de 2018

Francisco